

OS OCULOS DE PEDRO ANTÃO.



res causas diversas podem aconselhar o uso dos olhos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legitima, menos commum do que parece e mais vulgar do que devia ser. Vê-se hoje um rapaz entrado na puberdade e já adornado com um par de olhos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos myopes.

Outra causa do uso d'estes auxilios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O ameno escriptor exprime-se d'este modo: « Assim é que até olhos, que se inventáram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria. » Effectivamente quem quizer passar por verdadeiro homem do tom deve trazer, não direi olhos fixos que é só proprio de sabios e estadistas, mas estas famosas *lunetas-pensis* que são uteis, commodas e graciosas, dam bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para os casos difficeis e duram muito.

Da terceira causa quem nos dá noticia é nem mais nem menos o gravissimo Montesquieu. Diz elle: « Os olhos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consummado nas sciencias, por modo que um nariz ornado com elles deve ser tido, sem contestação por nariz de sa-

bio. « Conclue-se d'isto que a natureza é uma causa secundaria dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior numero dos casos em que é necessario a arte do Reis.

Está já o leitor um pouco atrapalhado com este introito que lhe parece mais de folhetim que de romance ou então pergunta comsigo mesmo a qual d'estas cousas attribuiu eu os oculos de Pedro Antão. Isto não é folhetim, nem romance : é uma narração fiel do que me aconteceu ha cerca de tres annos : é chronica. Quanto a Pedro Antão é positivo que os seus oculos deviam ter por causa o enfraquecimento da vista ; mas ainda assim não lhe posso affirmar nada, porque Pedro Antão, que eu não conheci, foi o homem mais singular das taes chronicas, viveu recluso durante a vida inteira e mal consta alguma cousa dos seus primeiros annos.

Ha cerca de tres annos, como dizia, recebi a seguinte carta do meu amigo Mendonça :

« *Pedro.* Recebi hoje as chaves da casa de meu tio; vou abril-a. Quero acompanhar-me? Não penses que é por medo de lá entrar só; é porque eu sei que tu tens interesse e gosto em penetrar nos negocios mysteriosos : e nada mais mysterioso que a casa do famoso tio. Vem ao meio dia. Teu *Mendonça.*

A minha resposta foi a seguinte :

« *José.* — Vou, mas não ao meio dia. Entrar em casa mysteriosa, quando o sol está no zenith! é anachronismo. Irei ás 11 horas da noite, e á meia noite em ponto entraremos na casa do defunto. Teu *Pedro.* »

Perto das 11 horas, depois de ter dito á familia que ia ver um doente grave, por eu ser medico e costume ver doentes á noite, investi para casa de Mendonça, que era na rua do Areal.

Mendonça estava ceiando; comi com elle um pouco de fiambre e de assado frio, engoli dois calices de Madeira, tomei uma chicara de chá saboroso como aquelle chá da comedia de Garção, e á meia noite menos vinte minutos, sahimos para ir ver a casa de Pedro Antão.

Pedro Antão tinha morrido dez mezes antes; achou-se-lhe um testamento em que deixava a casa, os livros e mais objectos ao sobrinho Mendonça, — com a condição de que só tomaria conta da casa dez mezes depois. Mendonça estava então no boulevard dos Italianos, unico sitio de Paris que conheceu e conhece a fundo, quando recebeu esta noticia. Rio muito da singularidade do tio, e veio ao Rio de Janeiro expressamente para tomar conta da casa. Aguardou religiosamente o termo da posse, e no dia 23 de Março de manhã recebeu oficialmente as chaves que ancioso esperava.

A chave e a fechadura resistiram com força aos esforços que o Mendonça e eu fazíamos para abrir a porta. Felizmente vinha connosco um latagão, criado de Mendonça, sujeito que se gabava de não encontrar porta nem mulher que lhe resistisse. Arremetteu o sujeito com um denodo raro, e a porta gemeu e d'ahi a alguns minutos estávamos no corredor. Ahi despedimos o criado, depois de alguma opposição de Mendonça, que affirmava ser necessario ter mais alguém connosco. O criado sahio, e eu encostei a porta. Accendemos então uma das velas que trazíamos para o caso, e subimos uma escada velha e humida que ia ter ao primeiro andar.

Não foi facil a subida, por que, de quando em quando, surgia de um lado um rato, que esbarrava em nossas pernas e duas ou tres baratas, assustadas com os inquilinos voáram de um lado para outro, indo esbarrar nas paredes, e escorregando depois até o chão. Alem d'isso, sentíamos aquelle máo odor que exhala uma casa fechada durante muito tempo. Felizmente, Mendonça tivera a precaução de trazer comsigo plantas e pós aromaticos, que queimámos na salla de visitas apenas lá entramos.

Mendonça achou-se mal alli dentro. Era um elegante de primeira classe, amigo do conforto, ao passo que eu, sem deixar de amar a commo-didade e o aceio, estava disposto a aproveitar aquella pagina de romance tetrico que se me afigurava ver no interior da casa mysteriosa.

— Vê lá, disse Mendonça, onde queres que nos sentemos?

— N'estas cadeiras.

— Sujas como estão?

— Limpam-se.

— Quem as ha de limpar?

— Eu.

Mendonça levantou os hombros; eu tirei da algibeira dois lenços e com elles limpei o melhor que pude duas cadeiras das que alli se achavam.

Mendonça vio-me fazer esta operação com um sorriso de homem resignado a tudo.

— A casa não é má, disse eu, sentando-me em uma das cadeiras para lhe dar exemplo; e a mobilia pode ser restaurada. Teu tio tinha gosto.

— Vamos ver o resto da casa, disse Mendonça.

— Espera.

— Esperar o que? ficaremos agora a contemplar a sala?

— Pareces me tolo, respondi; tu queres a herança do tio, e eu quero

conhecer o homem. A sala é um primeiro indicio. Vês este painel sobre a mesa?

Mendonça approximou-se da mesa.

— Vejo, disse elle, é a *madona da cadeira*.

— Cópia de Raphael. Já por aqui sabemos que o homem amava as artes. A cópia não é má, e a moldura é severa.

— Cá temos outro painel, disse Mendonça apontando para a parede. Subi ao sophá e aproximei a luz do quadro.

— Não conheço este, disse eu.

— É um Velasquez, disse Mendonça; vi um igual em casa do conde de Chantilly.

— Que conde é esse?

— Não era conde, respondeu Mendonça accendendo um charuto; chamavamo-lo assim por ser um dos primeiros heroes das corridas de Chantilly.

— Aposto que morava no boulevard...

— Dos Italianos.

Accendi tambem um charuto em quanto Mendonça me contava uma aventura parisiense em que entravam elle, o conde e uma estrella do bosque de Bolonha. Deixei que a conversa levasse esse caminho, porque era o meio de reter o meu companheiro.

— Já vês, disse eu voltando ao meu assumpto, já vês que teu tio tinha gosto; Raphael e Velasquez, são alguma cousa. Vamos ver o resto da casa.

Seguia-se outra sala menor que a primeira, onde nada havia que seja digno de nota. Apenas vimos sobre uma mesa um cachimbo allemão, que necessariamente devia ter pertencido ao cavalleiro Theodoro Hoffmann, pois a sua forma era de todo fantastica. Representava uma figura do diabo, com chapéo de tres bicos, cruzando as pernas, que eram de cabra.

— Olé! disse Mendonça; o tio fumava!

— Parece que sim; e o cachimbo não me parece orthodoxo.

— Pelo contrario, respondeu Mendonça; não pode ser mais orthodoxo do que é; metter fogo na cabeça do diabo não te parece digno de um servo de Deus?

— Tens razão! disse eu sorrindo.

Mendonça readquiria o seu bom humor e era isso justamente o que eu queria. Se não fosse assim, era provavel que nos fossemos embora dentro de dez minutos. Agora estava tranquillo; quando Mendonça estava de bom humor obedecia a tudo.

Depois de examinarmos o cachimbo que, além d'aquella não offerencia nenhuma particularidade, seguimos por um corredor e fomos ter á sala de jantar. Esta como outras salas e quartos da casa, nada tinham que se parecesse com mysterio. Passando por um dos corredores vimos uma escada que ia ter a um sotão. Subimos. No meio da escada, Mendonça estacou; ouvira um rumor em cima.

— São ratos, disse lhe eu.

— Serão? perguntou Mendonça empallidecendo um pouco.

— Querias que fosse a alma do Antão?

Subi affoutamente; Mendonça envergonhado, subio tambem. A coragem de muita gente não tem outra explicação. Não é sempre por valentia que os homens são valentes, diz Larochefoucault.

Vasto era o sotão. Compunha-se de uma sala de estudo e de escripta, uma alcova na frente, e uma vasta sala no fundo. Era por assim dizer um segundo andar.

O que primeiro examinámos foi a sala da frente cuja mobilia se compunha de algumas cadeiras, uma secretaria, duas estantes, um sophá, tudo como qualquer mortal pode ter. Havia sobre a secretaria dois bustos de marmore, e aqui começa o fantastico: uma era a cabeça do Christo, outra a de Satanaz. Christo estava á direita, Satanaz á esquerda.

— Bravo! exclamei; vou penetrando no homem. Achas ainda alguma orthodoxia n'esta approximação de bustos?

Mendonça, que estava enlevado no primor da esculptura, respondeu:

— Toda.

— Explica-te.

— O tio juntava-os para emblema da vida humana, que se compõe do mal e do bem; o bem está aqui para corrigir o mal. É o *ceci tuera cela*, de Victor Hugo.

— Está feito; tu explicas tudo. Mas é porque até aqui a symetria das cousas te favorece. Christo e Satanaz ao lado um do outro é uma symetria de poeta; mas eu creio que Pedro Antão era outra cousa. Olha aqui para o chão; vês esta reunião de cousas extravagantes? Um par de chinellas, uma imagem da Virgem, uma trança de cabellos amarelos, um baralho de cartas, uma cruz, uma pagina de hebraico; vês?...

À proporção que eu ia inventoriando os objectos encontrados no chão; ia o Mendonça examinando attentamente, tendo previamente calçado um par de luvas afim de não macular as mãos.

Abri uma janella afim de que o ar penetrasse nos aposentos. Depois sa-

cutindo o pó de duas cadeiras, sentei-me n'uma d'ellas, e disse a Mendonça :

— Sabes que mais? Já não vou d'aqui sem que me contes alguma cousa do tio. Que idade tinha elle?

— Quarenta annos.

— Viveu sempre recluso?

— Desde muito tempo. Nos ultimos cinco annos nem sahia de casa. Era um criado que lhe trazia o que precisava. Esse mesmo criado morreu na vespera de morrer o tio.

— Qual foi o motivo da morte do criado?

— Não sei; creio que uma apoplexia.

— Quem sabe? Talvez a morte do criado explique a morte do seu tio. Estou a ver aqui um assassinato e um suicidio. De que morreu o tio?

— De uma queda.

— Dentro de casa?

— Sim.

— Bem digo eu; aqui ha cousa. Estes objectos dizem claramente que Pedro Antão era feiticeiro.

Mendonça sorriu com desdem; posto que fosse supersticioso e timorato, Mendonça não acreditava em sortilegios. Eu era então um pouco dado a essas crenças, e ainda hoje não deixo de as ter. Depois que os philosophos modernos, com a mania de destruir tudo, affirmáram que o creador era uma invenção dos homens, eu, que não dou ao acaso as honras de ter creado o universo, substitui Deus por um grande feiticeiro, autor de todas as cousas, e nem por isso sou mais absurdo que os philosophos.

— Que quer dizer, continuei eu, esta madeixa de cabellos amarellos?

— É uma madeixa de cabellos, respondeu Mendonça; amarellecêram com o tempo.

— E esta pagina de hebraico não quer dizer alguma cousa?

— Não sei se é hebraico ou syriaco.

— Deve ser hebraico. Eu não conheço essas linguas, mas conheço os caracteres; estes são hebraicos. Quanto a esta cruz mettida entre um baralho de cartas, creio que não dirás ser o bem e o mal, emblema da vida humana. Mas deixemos isto; que houve notavel na vida do tio?

— Cousa nenhuma. Viveu aqui recluso sem procurar a familia; nem recebê-la em casa. Ao principio, correu que o tio tinha alguma belleza escondida, e meu pae procurou saber d'isso conversando com o criado, mas o criado disse que não havia ninguem. Verdade é que o primo An-

tonio disse que uma noite, passando por aqui, vio da rua uma sombra de mulher passeando na sala de visitas; mas eu o convenci logo de que seria o mesmo tio, embrulhado em um lençol.

— Que diziam os vizinhos?

— Apenas um affirmou ter ouvido uma noite gemidos lugubres cá dentro; no dia seguinte, não sei se por humanidade, se por curiosidade, mandou o vizinho saber o que era; o tio correu o portador a páo. Queres que te diga a minha opinião?

— Não, não digas. Veremos se eu descubro...

— Não tens nada que descobrir: creio que o tio era doudo.

— É o que te parece. Veremos isso. Talvez esta secretaria nos diga alguma cousa; mas está fechada. Como abril-a?

— Arrombe-se amanhã.

— Pois sim; mas vamos ver o resto do sótão.

Peguei na vela e encaminhámo-nos para o interior. No corredor que separava as duas salas, bati com o pé n'um objecto que foi parar tres passos adiante.

Era um par de oculos de ouro.

Examinámos os oculos que nada particular indicavam; tinham azas grossos e vidros azues sem gráo. Conheci que era uma quarta especie de oculos; usava os Pedro Antão para abrandar os raios da luz quando trabalhasse ou lesse de noite. Um dos vidros estava rachado.

Seguimos levando os oculos.

Nenhuma mobilia tinha a sala do fundo. Ao fundo havia uma janella que dava para o telhado. Estava fechada com uma pequena aldraba.

— Aqui não ha que ver, disse Mendonça querendo voltar.

— Pelo contrario, disse eu.

— Que é?

— Vês isto?

O objecto que eu mostrava a Mendonça era uma escada de seda atirada a um canto. Estava gasta pelo uso e estragada pelo desuso.

— Creio que isto é alguma. Vejamos a janella.

Abri a janella, que era baixa. Dava para o telhado da propria casa. Olhei em redor; todas as casas eram baixas, excepto uma que ficava á esquerda, que era um sobrado e tinha uma janella que dava para o telhado. Junto da janella do sótão havia algumas telhas quebradas.

Fechei a janella, e disse rindo a Mendonça:

— Já me não escapa o homem!

— És um visionario, foi a unica resposta de Mendonça.

Quando iamós a sabir, Mendonça deu um grito.

— Que é?

— Vê.

Olhei e vi a um canto da sala dois olhos verdes fitos sobre nós. Quiz aproximar-me; Mendonça agarrou-me pelas abas do paletó. Fiz um esforço e fui até o canto ver o que eram aquelles olhos.

Dei uma gargalhada.

Era um gato preto que alli se achava, o qual, assustado com a gargalhada deitou a correr, desceu a escada e não appareceu mais.

— Começo a tremer, disse Mendonça; que quer dizer este gato aqui em cima?

— Uma d'estas duas cousas; ou era companheiro do homem nos sortilegios; ou é um gato da vizinhança que se acostumou a vir aqui passar a noite em procura de ratos.

— Será, será.

— Inclino-me á segunda hypothese, porque, ainda que eu supponha teu tio amante de feitiçarias, creio que não é essa a parte mais importante da vida d'elle.

— Qual será então?

— Meu caro, temos já todos os elementos de que compôr um romance; vamos para a outra sala.

Quando ali chegámos, sentei-me tranquillamente, accendi um charuto, e brincando com os oculos de Pedro Antão, comecei a fallar.

— Viste aqui uma casa velha, trastes velhos, ares velhos, nada mais. Eu vi aqui dentro uma historia mysteriosa. Organisar no vacuo não é cousa que todos possam fazer. Vejamos se não me achas razão.

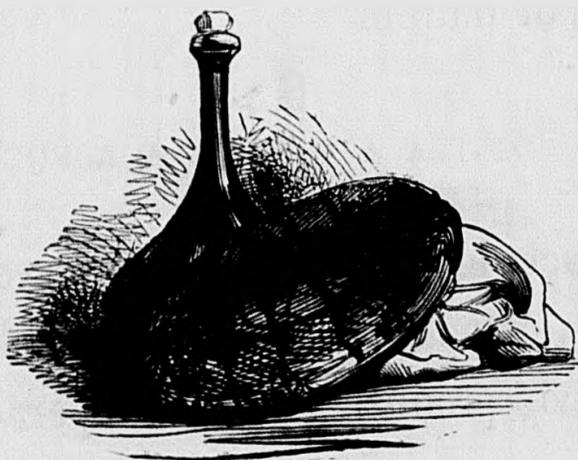
Mendonça sentou-se e eu comecei :

— Sabes a razão da reclusão do tio?

— Não, respondeu o meu companheiro.

(Continuar-se-ha.)

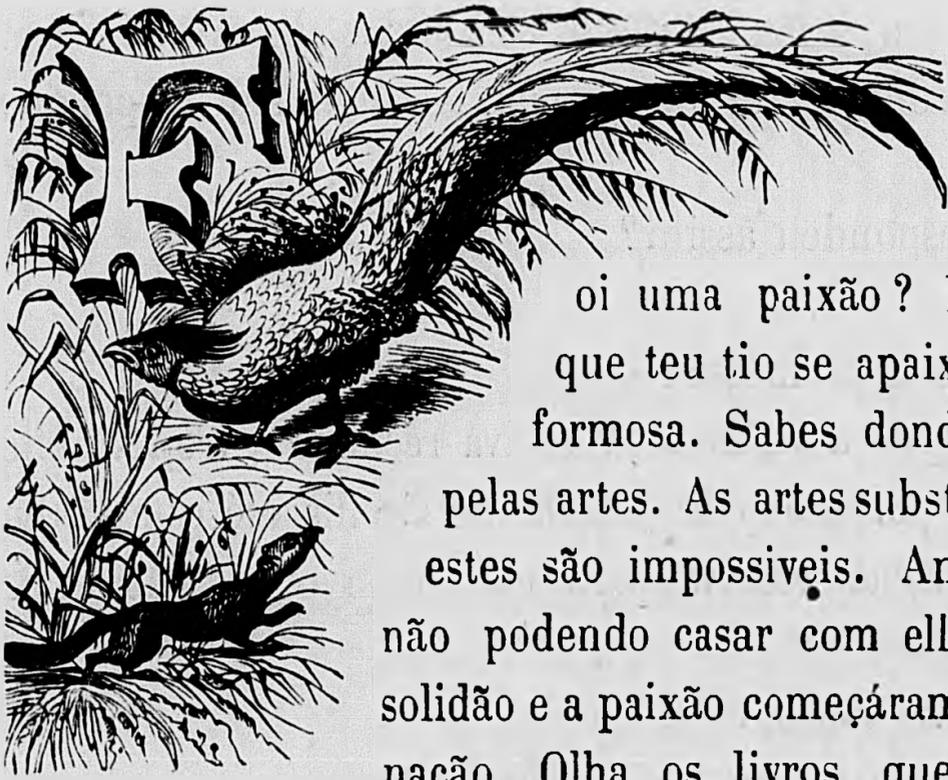
J. J.





OS OCULOS DE PEDRO ANTÃO.

CONTINUAÇÃO.



— oi uma paixão? Não te rias. Eu imagino que teu tio se apaixonou por alguma dama formosa. Sabes donde concluo isto? Do gosto pelas artes. As artes substituem os amores, quando estes são impossiveis. Amou, e não querendo ou não podendo casar com ella, retirou-se por aqui. A solidão e a paixão começaram a actuar na sua imaginação. Olha os livros que elle lia; vê estes dois bustos do Christo e de Satanaz; olha estes objectos de feitiçaria esparsos no chão; tudo isto quer dizer que a religião nem a philosophia bastavam á alma do tio e quando a philosophia e a religião não podem triumphar de uma alma, triumpham a superstição. Que te parece?

— Um conto para passar o tempo.

— Ouve o resto. Ao cabo de um ou dois annos, Pedro Antão recebeu uma pequena cartinha :

— Ah! onde está?

— Não sei; mas recebeu. Talvez a encontremos dentro d'esta se-

cretaria. O bilhete era da mulher amada, e dizia provavelmente que tendo elle fugido, vinha ella em busca d'elle.

— E veio?

— Veio morar na vizinhança, n'aquelle sobrado cujos fundos vimos pela janella do sótão. O tio não respondeu á carta; a dama que eu chamarei Cecilia esperou debalde a resposta. Nova carta: novo silencio. Cecilia no furor da paixão, veste-se um dia com uma mantilha e entra por aqui a pretexto de vir buscar esmolas para os indigentes da parochia. — Mande entrar quem é, disse Pedro Antão. A rapariga entrou, e quando se achou a sós com o tio, descrobrio o rosto. — Ceos! és tu! — Sim sou eu; vim porque me recusavas; amo-te... — Mas desgraçada! não sabes que o teu acto é uma loucura e um crime? — É uma virtude pois que amo. O tio poz o rosto nas mãos; estava desesperado.

— Comprehendo. E depois?

— Procurou dissuadil-a dos planos que ella concebêra; a unica cousa que conseguiu foi dar sua palavra de que iria vel-a á casa ou ao menos conversar de fóra. — Mas eu não sei como possa lá ir, objectou Pedro Antão. — A janella do teu salão dá para os fundos da minha casa. Sube ao telhado e eu conversarei da janella. — Pois sim respondeu teu tio.

— Suppões que elle respondeu assim?

— Com certeza.

— O tio cumprio então a promessa?

— Cumprio. Quando toda a vizinhança estava recolhida, trepava elle ao telhado e ia conversar por baixo da janella de Cecilia até que vinha a madrugada e Pedro Antão voltava para casa com o coração mais tranquillo...

— E uma constipação no lombo.

— Não se rias, Mendonça; és um espirito futil. Ouve o resto, e verás que tudo se explica; eu aprendi a arte de interpretar as cousas mais insignificantes. Ora, attende; attende e concordarás comigo.

— Continua.

— Assim se passáram os dias, as semanas, os mezes; era um idyllio *renouvelé de Roméo*. Um dia provavelmente o pae da moça percebeu que alguém costumava perlustrar os telhados, e tendo ouvido conjugar o verbo amar todas as noites sempre no indicativo do tempo presente, resolveu pôr em scena um quinto acto de Crebillon; comprou uma pistola...

— E matou o tio?

— Não!

— Felizmente.

— Poz-se de emboscada; apenas appareceu um vulto, disparou a pistola... Dois gritos agudos acompanharam o som do tiro; Pedro Antão correu metter-se em casa. Cecilia cahio redondamente no chão.

— Morta?

— Desmaiada. Acudio toda a familia. O pae acudio tambem; mandou chamar um medico e deram-se á pequena os primeiros cuidados que a situação exigia. Albuquerque (deve ser o nome do pae) era homem de costumes severos; guardou uma reprehensão para a filha depois que ficasse boa. A menina ficou no quarto com a mãe e uma escrava velha, a tia Monica. Aqui não te posso dizer quanto tempo esteve ella gravemente enferma; o que te affirmo é que, apenas tornou em si, e pôde lembrar-se do episodio do tiro, disse que tivera um grande pesadelo, e a isso devêra o desmaio. A mãe engolio a pilula; o pae achou-a amarga de mais. Passáram-se os dias; Cecilia sempre de cama, ficava então só com a escrava. Uma noite, disse-lhe a escrava. — Por que razão, sinhá moça, quer sempre que eu vá a janella de noite. — Cecilia fitou n'ella os olhos, e com voz fraca disse: — Tia Monica, você é capaz de guardar um segredo? — Sou, respondeu a preta. Cecilia contou então tudo; e quando acabou, disse: — Eis aqui porque eu te mando á janella: é para ver se vêes o meu querido Antão; morreria elle? — Não, sinhá, respondeu Monica; está vivo. A moça respirou. Depois ouvindo rumor no telhado, disse á preta que fosse ver o que era. — É elle, disse Monica. — Ah! diz-lhe que eu estou de cama, mas que preciso fallar-lhe. A preta deu conta do recado; Pedro Antão voltou para casa. Meditou nos meios de subir á casa de Cecilia e vel-a um minuto que fosse. Por honra d'elle, devo dizer que hesitou muito tempo em cumprir a promessa...

Mendonça n'este ponto inclinou-se mais para mim e disse:

— Não ouves?

— O que?

— Um rumor?

— São ratos. Deixa-te de vãos temores. Ouve a narração. Não te parece exacta?

— Sim; parece. Tens uma penetração rara! Quem não dirá que isso não é a verdade?

— Ninguem pode dizel-o.

— Continua.

— Assentou Pedro Antão em ir ver a enferma; para isso era preciso

subir ; para subir era necessario ter uma escada ; e a escada só podia ser de seda. Por quem mandaria comprar uma escada de seda ? Podia dizel-o ao criado ; mas isso era impossivel ; seria a vergonha. Pedro Antão resolveu sahir elle mesmo...

— Sahir ?

— Foi a unica vez que sahio depois da sua voluntaria reclusão. Sahio, e foi encommendar uma escada de seda, a qual ficou prompta e veio d'ahi a dias por mão do criado, mas enrolada de modo que o criado não soube o que era.

— Sim, o tio era prudente.

— Na primeira noite em que Pedro Antão subio á casa houve na sua alma uma verdadeira luta. Eram os ultimos lampejos da virtude ; digo virtude, porque o acto de escalar uma janella constitue um crime para qualquer, quanto mais para um homem d'aquella força ! Mas a paixão e a piedade vencêram ; teu tio atravessou o telhado com a escada debaixo do braço. A fiel Monica lá estava e ajudou a preparar a escada ; depois subio Pedro Antão mais lesto que um menino trepando por uma mangueira acima. Não se descreve a scena do encontro dos dois amantes ao cabo de tanto tempo. Cecilia estava mais pallida, que o linho dos lençoes ; o tio ajoelhou e derramou lagrimas de dôr... Que scena aquella ! oh ! os que amáram sabem o que é aquillo !

Creio que fui tão pathetico n'esta descripção, que o proprio Mendonça ficou commovido. Pela minha parte não o estava menos ; davam então duas horas ; tudo em volta de nós contribuia para a emoção de que nos achavamos possuidos.

— Vamos para casa, disse Mendonça.

— Ouve o resto. A visita do tio foi repetida nos seguintes dias. Parece que isso mesmo apressou o restabelecimento da moça. No dia em que Cecilia ficou perfeitamente boa, disse lhe Pedro Antão que era aquella a ultima visita. Cecilia entrou a chorar. — « Não chores, disse teu tio ; eu te amarei sempre ; mas bem vês que é impossivel a minha volta aqui. A tua doença explicava a minha audacia ; a tua saude... » — « Que temes-tu ? disse a moça ; a opinião, quando vier a saber que nos amamos ? Pois bem ; Monica assistirá ás nossas entrevistas... » teu tio mostrou-se severo e resolutivo. A unica cousa que lhe concedeu foi que viria conversar á janella : ficando elle pendurado na escada.

— Porque suppões isto ? perguntou-me Mendonça.

— Saberás adiante. Tudo o que até aqui tenho dito é a verdade ; do

estudo d'estes objectos que vemos a conclusão que tiro, é que só a minha narração pode explicar a vida de Pedro Antão.

— Continua.

— A promessa do tio foi cumprida. Todas as noites sahia o homem de casa, levando a escada que era posta convenientemente para que elle subisse e fosse conversar com Cecilia na posição em que Romeo e Julieta se separáram dando o ultimo beijo e ouvindo o rouxinol... Queres ouvir o dialogo da despedida de Romeo?

— Não, vamos ao tio.

— Não descançou o pae de Cecilia em quanto não lhe arranjou um casamento. Apresentou-lhe um dia um rapaz dizendo que era o seu noivo. Imagina o coração da pobre moça ao saber de semelhante noticia. Não ousou dizer abertamente ao pae que não queria o noivo; mas pedio para reflectir tres dias; e communicou isso a teu tio. Imagina a dôr do homem. Que luta aquella! O amor e o dever, — luta terrivel á qual teu tio teria succumbido se não fôra a grande alma que, Deus lhe deu. Que diria á moça?

(Continuar-se-ha.)

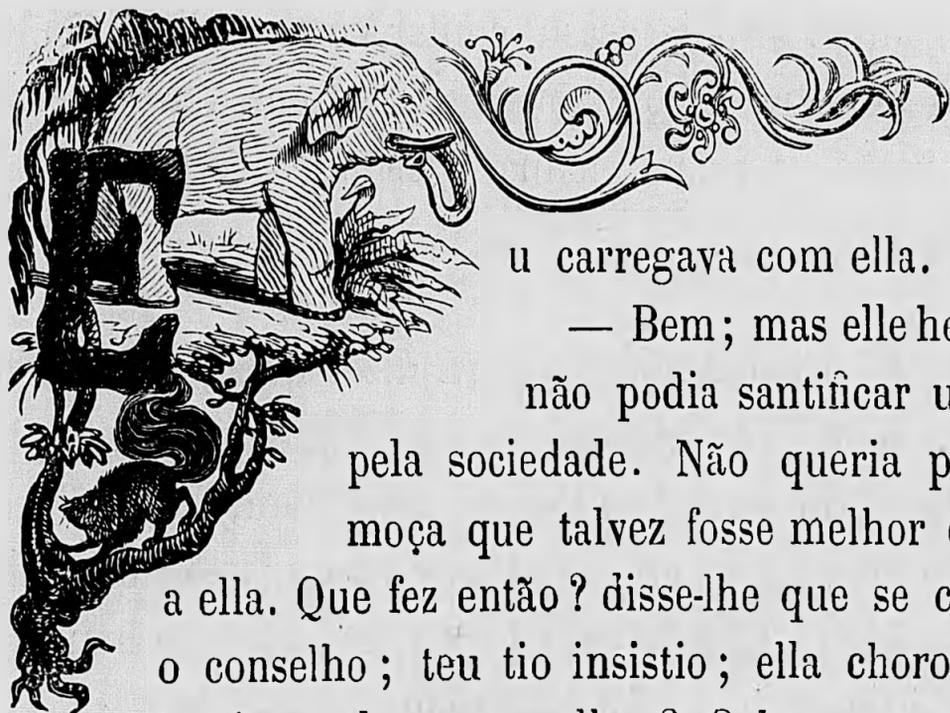
J. J.





OS OCULOS DE PEDRO ANTÃO.

FIM.



u carregava com ella.

— Bem; mas elle hesitou; pareceu-lhe que não podia santificar uma união condemnada pela sociedade. Não queria perturbar o destino da moça que talvez fosse melhor do que se lhe afigurava a ella. Que fez então? disse-lhe que se casasse. Cecilia recusou o conselho; teu tio insistio; ella chorou. Que fazer diante das lagrimas de uma mulher? O homem pediu um adiamento de vinte e quatro horas. Terrivel foi a noite e o dia que se seguiu a esta entrevista. Jogava-se o destino de Antão e de Cecilia. Raptando a moça, elle ia constituir-se réo perante Deus e os homens. O momento era solemne. A crise da vida chegára ao seu auge. Sobre a tarde tomou elle uma resolução suprema; raptar a moça, isto é salvar-a das garras de um noivo a quem ella não amava, e dar-lhe a felicidade que ella almejava n'este mundo. Communicou o seu plano á rapariga; e assentou-se que d'ahi a tres dias se executaria o plano. A moça dormio alegre como se no dia seguinte devesse entrar na bemaventurança. Oh! o amor é capaz de grandes cousas! e quanta vez se commetteu crimes com alma alegre só porque é o amor que nos impelle para o mal!

— Bonito! murmurou Mendonça.

Irritou-me a interrupção e levantei-me.

— Onde vás?

— Não me queres ouvir.

— Quero; continua. Applaudi a tua exclamação. Quero saber em que parou tudo isso.

— Quando o tio voltou para casa, encontrou junto á janella o criado. Tódo o corpo lhe tremeu; estava descoberto. O criado tinha ouvido bulha e suppondo serem ladrões subio ao sótão, vio a janella aberta, e espantado, vio um vulto ao longe, e esperou. Quando descobrio que era o tio, comprehendeu que alguma cousa havia, e arrependeu-se de ter subido. Quanto ao tio, passado o primeiro momento, voltou em si desceu tranquillamente e disse ao criado que se fosse deitar. O criado desceu sem dizer palavra; o teu tio veio tranquillamente para esta sala e entrou a meditar no que devia fazer. Era forçoso confessar tudo ao criado; estando descoberto, já lhe não aparentava a discrição; antes tel-o por amigo mostrando confiança. Assentou n'isso. Mas d'ahi a pouco entrou o receio a torturar-lhe a alma. Podia acaso contar com a discrição de criado, ainda quando lhe mostrasse confiança? O medo de ver-se descoberto lhe obumbrou a razão; o crime chama o crime. O relampago do crime lhe fuzilou na alma...

— Que fez?

— Decretou a morte do criado. Quem poderá dizer que longos foram os instantes passados n'aquella combinação de um crime que era o primeiro na escala dos crimes futuros! Ao cabo de uma hora, tomou uma vela, desceu a escada de mansinho, encaminhou-se ao quarto do criado. Este dormia profundamente; Pedro Antão lembrou-se de que o melhor meio era suffocal-o; subio outra vez e foi buscar um travesseiro. Desceu; o criado ainda dormia. Teu tio poz-lhe o travesseiro sobre o pescoço e calcou com todas as forças. Surprehendido no somno com este ataque, o criado procurou defender-se; quiz lutar; impossivel... por um movimento energico Pedro Antão concluiu a morte começada.

— Onde viste signaes d'esse crime?

— Não vi signaes; mas é um crime logico. Por que razão morreria o criado logo na vespera do rapto? Teu tio quiz arredar um testemunha ou um complice; mas vae ouvindo.

— Triste morte foi essa!

— Terrivel; teu tio subio, atirou-se á cama, mas não dormio; a noite foi cruel; quando chegou a madrugada elle respirou; podia ao menos

afastar a memoria do facto terrivel da vespera. Do quintal chamou um vizinho, e pedio-lhe que fosse cuidar do enterro do criado. Atarde foi este enterrado levando para a sepultura o segredo do crime...

— Mas, Pedro, é impossivel que tu não saibas d'isto por outro modo que não o conjectural. Estás fallando de maneira que parecees ter assistido a tudo... Sabias alguma cousa ?

— Nada.

— Mas então não comprehendo.

— Meu amigo ; chama-se a isto penetrar alem da superficie dos factos. Vae ouvindo. A noite do enterro do criado, era a noite do rapto de Cecilia ; tudo estava preparado. Pedro Antão aguardou silenciosamente a hora marcada por elle, isto é, meia noite. O leitor facilmente calculará...

— Que leitor ?

— Foi engano. Quero dizer que tu facilmente calcularás as emoções do namorado antes de commetter o rapto. Entretanto chegou a hora ; Pedro Antão, que estava lendo para passar o tempo, apenas ouviu bater meia noite, foi ao quarto, pegou na escada... Aqui entram os oculos de Pedro. Estava lendo, e para ler punha os oculos afim de quebrar os raios da luz. Com a pressa e a preocupação do acto que ia commetter, nem se lembrou de tirar os oculos ; foi com elles até á outra sala, abriu a janella, saltou ao telhado e aproximou-se da casa de Cecilia. Tudo estava silencioso ; nenhum signal de vida. Que aconteceria ? Estaria descoberto o plano ? Adoeceria a moça ? N'esta incerteza esteve Pedro Antão durante dez mortaes minutos. Abriu-se finalmente a janella, e a cabeça da moça appareceu. Teu tio deu signal de que elle alli estava, e a preta disse-lhe que esperasse um pouquinho em quanto a ama completava os preparativos. Pedro Antão indagou a razão da demora. A preta respondeu que houvera visitas em casa, e que em virtude d'isso, Cecilia não pôde sahir da sala. Entrou a preta e teu tio esperou.

— Vê se pões a pequena cá para baixo.

— Ouve. Esperou teu tio outros dez minutos, ao cabo das quaes voltou a preta e o homem atirou a extremidade da escada que foi convenientemente presa em cima. Cecilia appareceu e a vista da moça deu animo ao namorado. Disse-lhe elle que, para melhor effectuar a descida vestira umas calças do primo ; e atirou para baixo duas trouxas. Continham roupa e varios objectos. Pedro Antão poz as trouxas de lado, e disse á pequena que descesse. Ora, justamente quando a moça se preparava a descer, ouviu-se uma voz que dizia : Miseravel ! — Cecilia deu um grito

e entrou fechando a janella. Ficou em baixo Pedro Antão a procurar com os olhos d'onde vinha a voz, até que um vulto se lhe aproximou. Era nem mais nem menos o pae de Cecilia.

— Donde surgio elle?

— Tinha percebido que a pequena tramava alguma cousa; foi espreitar pelo buraco da fechadura, e vio-a preparar as trouxas; desceu ao quintal e de lá ouviu a voz de teu tio; por meio de uma escada de mão trepou ao telhado no momento em que a moça ia pôr o pé fóra da casa. Avalie-se o drama que se passou alli no telhado. O pae, armado com uma pistola, apontou-a ao peito de Pedro Antão; este vio imminente o seu fim. Quem poderia salvá-lo? — « Eu! gritou uma voz no meio das sombras. »

— Quem era?

— Espera. O vulto desarmou o pae de Cecilia e intimou-lhe a retirada; o velho quiz recalcitrar, mas teve de obedecer á voz imperiosa do salvador de Pedro Antão. Tendo escapado por milagre á morte que o esperava, o homem voltou-se para o vulto e agradeceu-lhe aquella intervenção providencial. Depois pediu que entrasse com elle em casa para lhe explicar a razão de achar-se alli. Pedro Antão meditava uma mentira. O vulto respondeu simplesmente. — Eu sei tudo! — Sabe tudo? — Quem é o senhor? — Ninguem.

— Parodiou o Garrett.

— Convidou teu tio ao vulto para ir descansar alguns minutos em casa. O vulto acceitou. Atravessáram o telhado e entráram pela janella. Como estivesse escuro, Pedro Antão tomou um phosphoro, que levára comsigo para a volta e á luz quem havia elle de ver?

— Quem?

— Adivinha.

— Não sei.

— O criado?

— Sim.

— O defunto?

— Nem mais nem menos, o defunto.

— Essa agora!...

— Imagina o rosto do pobre homem, deu um grito e correu; o criado segurou-o ainda pelas abas do paletó; Pedro Antão fez um esforço, escapou-se-lhe das mãos, cahiram-lhe os oculos, e elle foi rolando pela escada abaixo até cair morto.

— Que horror!

— Aqui tens, conclui eu nem mais nem menos a historia do tio, dos

seus motivos de reclusão, e da sua morte desastrosa; ahí tens explicados os olhos no corredor, a escada de seda na outra sala. Queres mais claro?

— Realmente, disse Mendonça, fallas com uma segurança que parece ter visto tudo isto !!

— Para que serviria a perspicacia então?

— Safa! Eras capaz de provar que eu hontem matei um homem!

— Questão de perspicacia; nada mais. Queres apostar uma cousa?

— O que?

— Queres apostar que eu acho n'esta secretaria algum indício do que estive a referir?

— Então sabias alguma cousa?

— Eu, nada. Mas tenho um presentimento de que aqui dentro acharei cousa que nos guie e me prove a veracidade do que te acabei de contar. Vamos abril-a.

— Com que?

— Não tens nada?

— Nada. Sabes que mais? vamos embora. Amanhã, abriremos isto.

— Não, agora mesmo.

— Qual! olha; são tres horas quasi. Vamos dormir; amanhã voltarei contigo e de manhã; virá comnosco um homem que entenda d'isto...

— Pois sim.

Sahimos da casa de Pedro Antão; e eu confesso que não dormi a noite inteira, porque o pouco que d'ella restava, gastei-o eu a pensar na historia do homem. Se eu achasse na secretaria alguma cousa, uma cartinha de amores, uma lembrança de mulher, tinha ganho a gloria de ter adivinhado uma historia que ninguem descobriria nem exporia com tanta lucidez.

No dia seguinte ás dez horas da manhã fui ter com o meu amigo Mendonça que ainda estava dormindo; esperei que acordasse e almoçasse, depois do que fomos buscar um ferreiro, encarregado de arrombar a secretaria de Pedro Antão.

A fechadura não resistio muito tempo.

Quando nos achámos sós, entrámos a examinar o conteudo d'aquelle velho movel, testemunha insuspeita da vida do tio.

Muitos objectos iamos encontrando que não serviam para o caso; papeis velhos; cartas de amigos, contas de credores, notas de leitura, etc. Nada vimos que servisse ao caso.

— É impossivel, disse eu; vejamos nas gavetinhas.

Nas gavetinhas tambem nada se encontrou que pudesse ter relação com a minha versão da morte de Pedro Antão.

De repente, disse-me Mendonça ter achado uns cabellos.

— Ah! exclamei, emfim!

— Mas são cabellos brancos, accrescentou Mendonça.

Em resumo, nada encontrámos que nos pudesse guiar no assumpto, e eu senti deverás porque o menor indicio era n'aquelle caso uma prova; aò menos eu assim o entendia.

No meio do trabalho em que estavamos, não demos por uma gaveta escondida por traz de uma taboinha.

Abrio-se a gaveta por si e graças a um acaso. Querendo eu arrancar um folheto, apertei uma mola e a gaveta abrio-se.

Dentro havia um rolo fino de papel com esta nota por fóra. « — *Para ser entregue a meu sobrinho Mendonça.* »

— Vejamos.

Mendonça abrio o rolo. Continha uma folha de papel com as seguintes palavras :

« Meu sobrinho. Deixo o mundo sem saudades. Vivo recluso tanto tempo para me acostumar á morte. Ultimamente li algumas obras de philosophia da historia, e taes cousas vi, taes explicações encontrei de factos até aqui reconhecidos, que tive uma idéa excentrica. Deixei ahi uma escada de seda, uns oculos verdes, que eu nunca usei, e outros objectos, afim de que tu ou algum pascacio igual inventassem a meu respeito um romance, que toda a gente acreditaria até o achado d'este papel. Livra-te da philosophia da historia. »

Calcule agora o leitor o effeito d'este escripto, especie de dedo invisivel que me deitava por terra o edificio da minha interpretação!

D'ahi para cá não interpretei á primeira vista todas as apparencias.

J. J.

